



Dinâmica Espírita

REVISTA Nº 89

Outubro/2022

Curta nossa página no Facebook:

<https://www.facebook.com/ceamorepaz>

Nossos Filhos São Espíritos (de Herminio C. Miranda)

“Contemplei minha filha, recém-nascida, enrolada em uma toalha pelo médico Dr. Pimentel, que após cortar o cordão umbilical, notei que ela tinha olhos escuros, atentos e acesos, a olhar o mundo em volta com expressão enigmática e inquisitiva.

Chegou Ana Maria, mas, não me lembro ao certo minhas emoções naquele momento, apenas me vi absorto em indagações sobre a existência da vida, propriamente dita, de onde veio minha filha? O que pretendia da vida? Como seria ela? Enfim, perguntas como estas que pairavam, como turbilhão de emoções que me invadiram naqueles momentos tão felizes”.

Assim inicia o ilustre autor a narrativa desta inestimável obra, que nos traz detalhes importantes do processo de reencarnação, como, ainda, de toda sua inesgotável amorosidade.

Alerta que cada criança é única, podendo ter certas características semelhantes ao irmão, pai ou mãe, mas, cada uma delas é um universo próprio, ímpar; são criaturas que já existiam, ou seja, passaram por inúmeras outras

encarnações e trazem enorme bagagem de experiências e vivências e aqui estão para reviver e não estão apenas nascer.

Afirma que “é um equívoco dizer que o bebê parece um anjinho inocente. A criança é um espírito que nos foi confiado por um tempo predeterminado. Raramente é um ser moralmente perfeito e acabado; mas, também, não é um demônio de maldade chocante. São apenas criaturas que muito se aperfeiçoaram ou muito se transviaram, mas que continuam sendo seres humanos, em evolução”.

Cada criatura, na verdade, é a somatória do que foi em outras reencarnações, inclusive, com todo o aprendizado anterior, suas experiências e conquistas, e assim, que devemos vê-la.

Com a maternidade e paternidade vem a enorme responsabilidade, que na opinião do autor, não pode representar decisão de momento, de impulso impensado, para que não represente desconforto e insegurança que pode resultar em aborto.

Aborto na sua concepção é um grande erro de avaliação, pois aqueles que o promovem ou dele fazem uso estão desconectadas das consequências de seus atos, pois imaginam que ao remover o feto estarão livres para sempre do problema.

Mas, na verdade, nos alerta que “A cada feto rejeitado ou bebê estrangulado corresponde um Espírito vivo, consciente, sobrevivente, imortal. Muitas vezes, o corpinho em formação não tem mais do que umas poucas centenas de gramas de peso e logo é esquecido, depois de ter sido arrancado ou expulso do organismo materno, mas o Espírito reencarnante continua vivo e consciente, em alguma dimensão das muitas realidades invisíveis que nos cercam por toda parte. Ele estará lá, à espera daqueles que lhe negaram a sagrada oportunidade da vida, senão com uma atitude agressiva e ameaçadora, pelo menos com o perplexo olhar e o dramático silêncio da censura ou da mágoa”.

Exemplificando, narra relato publicado em “A Folha Espírita”, de São Paulo, de onde o leitor interessado poderá resgatá-lo se desejar conhecer melhor os detalhes.

“O Espírito que nos veio contar este caso era o de uma mulher. Na existência anterior, abortara sistematicamente todas as vezes que engravidara. No tipo de atividade profissional que exercia entendia que os filhos não passavam de estorvos a serem removidos com a possível presteza. Como iria ela cuidar deles? No sacrifício diário e noturno, cansando-se, envelhecendo, estragando as mãos e, principalmente, o corpo, que era seu mais precioso patrimônio? Nada disso. Pareceu-lhe mais cômodo eliminar logo os bebês, assim que davam início à formação do corpinho a eles destinado, ou mais tarde, em alguns casos, já nascidos.

Foram oito ao todo! Ao retornar ao mundo espiritual, encontrou-os lá, à sua espera, e foi recebida com inesperada hostilidade por parte deles, todos revoltados com sua atitude criminosa, que lhes havia cancelado sumariamente as expectativas de vida que nutriam. Muito tempo ela ficou à mercê de seus rancores e agressividades, pois o Cristo não disse que aquele que erra fica escravo do erro? E que de lá não sai enquanto não pagar o último centavo da dívida? É dívida mesmo, igual a qualquer outra no plano terreno. Só que esta, mesmo disposto a pagar, não o livra da cadeia; você a resgatará, com seu trabalho, suas canseiras, suas lágrimas, para que um dia volte a sorrir, após ter reconquistado a confiança daqueles perante os quais falhou.

Para encurtar a história: a moça foi socorrida, no mundo espiritual, compreendeu a extensão e gravidade de seus erros e decidiu aceitar as condições que lhe foram concedidas, pois nada é imposto, a não ser em casos extremos.

As condições eram as seguintes: ela renasceria numa família pobre, na Argentina, primeira filha de um casal. O pai, desajustado, seria um alcoólatra de difícil recuperação (ela própria o havia desencaminhado, em existência anterior). Depois dela, nasceriam todos os oito espíritos que ela recusara pelos abortos praticados na vida anterior. Em seguida, a mãe dela e das demais

crianças morreria, deixando com ela a responsabilidade de criar, com o suor de seu rosto e o trabalho de suas mãos, os oito irmãos que ela rejeitara como filhos. De contrapeso, ficava, ainda, o pai-problema, antigo amante, igualmente rejeitado. Seria bela e saudável, mas sua situação não lhe permitiria casar-se, embora tentada pelo assédio de mais de um pretendente. Se o fizesse, desorganizaria todo o plano assentado. Sua tarefa era mesmo a de criar as crianças que outrora recusara. O que teria sido bem mais fácil antes, pois naquele tempo dispusera de recursos materiais, teria de ser feito agora, literalmente, com sangue, suor e lágrimas, mesmo porque seus irmãos — à exceção de um deles — ainda viam nela a mãe assassina de outrora, não a irmã sacrificada de hoje, que tudo fazia para sobreviverem juntos e honestamente.

Para esse projeto, de difícil execução, ela contaria com dois importantes auxílios: o da mãe, antiga companheira espiritual sua (já fora sua mãe em outra oportunidade) e que se propusera a vir ter, por ela, os filhos que ela recusara; e o irmão maior, o segundo da série, que, a despeito de ter sido também rejeitado por ela, não lhe guardara rancor, por ser um espírito mais equilibrado e evoluído.

A alguém que lhe explicou todo esse plano de recuperação, ela perguntou: — Mas por que não me deixam casar e ter normalmente os filhos, em vez de tê-los como irmãos problema, tão trabalhosos e hostis, sem o apoio de um marido?

Isto não era possível, explicaram-lhe, primeiro porque ela precisava criar as crianças com seu trabalho pessoal, que lhes recusara anteriormente, e não com o trabalho do eventual marido. Segundo, por que os Espíritos dos filhos rejeitados ainda sentiam por ela muita mágoa e até rancores não superados; a gestação deles criaria dificuldades insuperáveis.

À vista do antagonismo filho e mãe, muitos poderiam abortar repetidamente, frustrando os planos de reconciliação. Estava, pois, colocada diante de uma situação inescapável. Poderia, claro, recusar tudo aquilo, pois ainda lhe restava o sagrado direito do livre-arbítrio, mas isso representaria apenas um adiamento embrulhado num agravamento dos problemas, que

permaneceriam sem solução. Até quando? Mais um século, ou quatro, ou um milênio? Além do mais, quando seria possível reunir novamente, num só ponto, todas as personagens da trágica história e encaminhá-las à recuperação?

Não havia, pois, alternativa mais aceitável ou mais suave. Ela suspirou fundo e se conformou. Diante dela desdobravam-se as imagens de um futuro que, praticamente, já existia, mas que ainda estava por viver. Ela podia vê-lo e senti-lo nas mãos, que o rude e exaustivo trabalho consumiriam, no belo corpo que as canseiras deformariam, nas suas frustrações, nas suas ânsias e renúncias, no desencanto de uma vida de prisioneira, atada ao peso de tantas responsabilidades, no desamor e ingratidão de irmãos hostis, sempre a cobrarem-lhe mais do que ela poderia dar-lhes, nas agonias e angústias da solidão no meio de tanta gente cheia de rancores, que lhe caberia converter em amor, entendimento, compreensão e perdão. Essa é a história da querida amiga.

Ela chorou comigo uma lágrima de arrependimento e sorriu um sorriso molhado de esperança. Despedimo-nos como pai e filha, pois ela sonhava, ainda, nascer por aqui mesmo, onde pudesse, senão ser minha filha, pelo menos encontrar-me para que também pudesse ajudá-la em suas dificuldades, pois confiava em mim e nos demais companheiros. Eu a receberia de coração aberto, porque sua história me comoveu, mas ela tem um programa a cumprir e eu já estou vendo, no horizonte desta existência, o clarão deslumbrante do pôr-do-sol...”.

Dr. Hermínio Corrêa de Miranda destaca o prodigioso trabalho de pesquisa desenvolvido pela Dra. Helen Wanbach, psicóloga americana, no processo da regressão da memória e destaca alguns casos de seus pacientes, que rememoraram “*de coisas mais recentes, passa pela juventude, infância, vai ao momento em que nasceu, ao tempo em que estava ainda no ventre de sua mãe, ao período em que viveu como Espírito e, finalmente, às vidas já vividas, por aí, nesse grande mundo de Deus*”. A técnica da indução da Dra. Wambach consiste em propor ao paciente uma “*redução de seu potencial elétrico das ondas cerebrais a cinco ciclos por segundo*”.

A Dra. Helen concluiu que a consciência de cada ser não provém do feto, não faz parte integrante dele; apenas está nele. *“Eles existem, totalmente conscientes, como entidades independentes do feto.”* Na realidade o *“corpo fetal é restritivo e limitador”*, e muitos preferiam *“a liberdade da existência sem o corpo”*. Em outras palavras, era melhor não ter nascido. O recém-nascido *“sente-se como que segregado, reduzido e solitário, em comparação com o estado intermediário entre uma vida e outra”*.

Assim a criança é um ser espiritual adulto, experiente, consciente, dono de insuspeitado acervo de conhecimentos, envolvido em deliberado projeto de vida, com metas, objetivos e propostas nitidamente concebidos e programados. É, portanto, uma pessoa preexistente e sobrevivente, conforme o espiritismo insiste em ensinar há mais de um século e como o próprio Cristo ensinou há cerca de dois milênios.

Seus pacientes contam as emoções e as perplexidades do nascimento, ou seja, o momento do parto. A criança vem de um estágio dentro do organismo materno, onde se encontrava em ambiente silencioso, tépido e escuro, além de aconchegante e confortável. Ao emergir, muitas vezes de maneira inadequada, abrupta, quase violenta, é atirada em um contexto extremamente agressivo, como se, literalmente, saltassem sobre ela e a envolvessem três fatores adversos: o frio, a intensa luminosidade e o barulho.

São praticamente unânimes as observações nesse sentido, pois o parto é feito sob a intensa luz de refletores e, usualmente, a criança fica, por alguns momentos pelo menos, nua e abandonada sobre a fria superfície de uma peça, na sala de operação, a perceber à sua volta toda aquela nervosa agitação de pessoas que se movimentam e falam. Chocam-se instrumentos, zumbem aparelhos e mecanismos diversos, especialmente quando ocorre alguma crise e a mãe e ou o bebê têm de ser atendidos em regime de emergência.

Revelam nestas narrativas uma inteligência superior e uma experiência de inesperada amplitude e profundidade. E mais: são pessoas dotadas de apurada capacidade crítica, em condições de captar, com incrível facilidade, não só o que se diz à sua volta, mas até o que se pensa, ou apenas

se sente, ainda que a palavra dita seja diferente e oposta àquilo que realmente está na mente da pessoa que fala.

Os nascituros captam os pensamentos e os sentimentos que não chegam a ser convertidos em palavras, não necessitando, para isto, o conhecimento pleno do idioma usado pelas pessoas à sua volta.

Assim podemos nos comunicar com os bebês — desde que nascem ou até mesmo antes. Eles não terão condições para responder-nos da maneira que entendemos o diálogo entre seres humanos, mas suas mentes e seus corações estão abertos ao acesso de sentimentos, emoções, conflitos, alegrias, afeto ou aversão, e a sutilezas que sequer podemos imaginar.

Renascer na família quase sempre são arranjos combinados no mundo invisível entre os diversos personagens de um drama ou de uma tragédia antiga, viabilizado o necessário acerto. Nos diz o autor que “a família é o campo de provas, onde encontramos amigos e desafetos. Os primeiros nos trazem o gostoso refrigerio de sua afeição, num relacionamento agradável e construtivo. É fácil amá-los. Os outros, não. São pessoas difíceis, que inconscientemente guardam de nós rancores ainda não superados, ou mágoas que não conseguiram vencer. E muito mais difícil amá-los, convertendo sua atitude negativa por nós em um relacionamento afetivo, desarmado e genuíno”.

Nos alerta da importância do esquecimento pretérito, *“porque, quando é muito grande o peso das culpas, o remorso ameaça esmagar-nos e paralisar a ação reparadora”.*

Traz a pesquisa do Dr. Ian Stevenson, na obra *“Twenty Cases Suggestive of Reincarnation”*, publicado por ele em 1966, onde crianças espontaneamente recordaram de suas existências anteriores. Dois desses, aliás, ocorridos no Brasil, na família do professor Francisco Waldomiro Lorenz.

Ainda, nos diz não ser desgraça alguma ter filhos ou filhas dotados de faculdades mediúnicas; ao contrário, é uma bênção em potencial, se tudo for

encaminhado de maneira correta, dentro de um contexto de equilíbrio e bom senso.

Relata um episódio ocorrido com o médium Divaldo Franco ocorrido em sua infância.

“Estava ele com cerca de quatro anos — é uma de suas mais remotas recordações da infância — quando viu aproximar-se dele uma senhora que lhe pediu para dar um recado.

Assim:

— Diga a Anna que sou Maria Senhorinha — pediu-lhe a pessoa.

O menino não tinha a menor ideia consciente do que fosse um Espírito e de que Espíritos podem apresentar-se à vidência de determinadas pessoas e falar-lhes. Para ele, ali estava uma senhora como as outras, que lhe pedia para transmitir um recado à mãe dele, Anna.

Divaldo fez o que “a moça” lhe pedia. O problema é que Maria Senhorinha era mãe de Anna Franco, e, portanto, avó de Divaldo. Nem o menino nem sua própria mãe tinham-na conhecido “em vida” porque ela morreria precisamente do parto de Anna, que fora criada pela irmã mais velha, Edwiges. Anna Franco tentou dissuadir o menino, dizendo-lhe que Maria Senhorinha fora avó dele e estava morta há muitos anos, e que, portanto, (no seu entender) não poderia estar ali mandando recados para ela. Gente morta não fala com vivos, pensava ela.

Seja como for, Anna Franco ficou impressionada com a convicção do menino a respeito de sua visão, mesmo porque tais fenômenos começavam a ocorrer com certa frequência com ele.

Por via das dúvidas, tomou uma decisão heroica: tomou-o pela mão e foi à casa da irmã que, vitimada por grave distúrbio, vivia, há muito tempo, presa ao leito por uma paralisia.

Na presença da tia, Divaldo foi instruído a reproduzir a história, o que fez da melhor maneira possível, nos precários limites de seu vocabulário de então, repetindo fielmente o recado e descrevendo a moça que o enviara.

Era uma mulher magrinha, de olhos verdes e usava um vestido branco, de babados plissados, mangas compridas e gola muito alta. Tinha os cabelos penteados para trás, presos em coque, como se usava antigamente.

Tia Edwiges nem precisou falar muito, pois as lágrimas lhe escorriam pela face abaixo. Bastou uma frase, curta e emocionada:

— Anna, é mamãe!

Era aquele o primeiro testemunho vivo de sua nascente mediunidade. Anna Franco, embora despreparada para a inesperada situação, era dotada de inato bom senso e inteligência, a despeito de sua escassa cultura geral. Não se deixou impressionar, nem se assustou mais do que era de esperar-se ante o insólito.

Já o restante da família, especialmente os irmãos — bem mais velhos que Divaldo —, não tiveram a mesma serena compreensão de Anna. Para eles, aquele menino era um tanto ou quanto desajustado”.

Cabe aos pais, ou responsáveis ajudar seus filhos a desenvolverem suas potencialidades, necessitam de apoio e compreensão.

Destaca a importância da oração, e diz que a criança deve ser habituada a orar desde o início, de preferência com suas palavras, dentro do contexto de suas crenças e costumes, judeus, muçulmanos, cristãos, espíritas, budistas. Não importa.

Nos mostra a linda oração do Espírito Agar, trazida pela mediunidade de Chico Xavier:

“Pai de Infinita Bondade, sustenta-nos o coração no caminho que nos assinalaste. Infunde-nos o desejo de ajudar àqueles que nos cercam,

dando-lhes das migalhas que possuímos para que a felicidade se multiplique entre nós.

Dá-nos a força de lutar pela nossa própria regeneração, nos círculos de trabalho em que fomos situados, por teus sábios desígnios.

Auxilia-nos a conter nossas próprias fraquezas, para que não venhamos a cair nas trevas, vitimados pela violência.

Pai, não deixes que a alegria nos enfraqueça e nem permitas que a dor nos sufoque. Ensina-nos a reconhecer tua bondade em todos os acontecimentos e em todas as coisas.

Nos dias de aflição, faze-nos contemplar tua luz, através de nossas lágrimas, e, nas horas de reconforto, auxilia-nos a estender tuas bênçãos com os nossos semelhantes.

Dá-nos conformação no sofrimento, paciência no trabalho e socorro nas tarefas difíceis.

Concede-nos, sobretudo, a graça de compreender a tua vontade, seja como for, onde estivermos, a fim de que saibamos servir em teu nome e para que sejamos filhos dignos de teu infinito amor.

Assim seja!”

Por fim, ao passar pelo conceito da morte, Dr. Hermínio C. de Miranda nos ensina que é uma diferente modalidade de vida e até que não muito diferente. A vida aqui é apenas um estágio de aprendizado e trabalho, etapa de um ciclo evolutivo, à medida que vamos sendo aprovados em testes, sabatinas, exames vagos, escritos e orais, vestibulares, mestrado ou doutorado, vamos seguindo em frente, rumo a novos patamares. Um dia será o da *“formatura”*, espécie de colação de grau de cósmicas dimensões, a partir da qual não mais teremos de voltar ao que, na conhecida prece católica, se chama de *“vale de lágrimas”*. Teremos, por essa época, escapado para sempre ao que os místicos orientalistas chamam a *“roda da reencarnação”*.

A vida não tem ponto final, apenas vírgulas, pontos e vírgulas, reticências, exclamações e interrogações, e muitos traços de união. Não somos ilhas, mas partículas, como dizíamos atrás, de um só continente ou, se quiser, fótons — menos ou mais luminosos — que integram um só foco de luz, pois em Deus vivemos e nos movemos e nele temos nosso ser, como disse, de modo irretocável, nosso caríssimo Paulo de Tarso. Não há perdas, ninguém morre para sempre, ninguém “*desaparece*”, ninguém é encaminhado para uma destinação irrecorrível e final após a morte.

Lembra-nos que *“Morrer não é tragédia alguma e quase sempre — se o procedimento da pessoa foi satisfatório, mesmo dentro de suas óbvias limitações — é um momento de libertação e de reencontro com inesquecíveis amores. Nascer é que é problemático, porque trazemos programas e tarefas, obrigações e compromissos que nem sempre conseguimos cumprir de maneira adequada, quando não os agravamos com novos erros”*.

E ao finalizar sua obra, comenta que a começou com a lembrança do nascimento de sua filha Ana Maria e, não só pela experiência com a sua convivência, mas dos outros filhos, compreende ter sido um bom pai, recebendo dela, inclusive um Diploma de Pai, e com ele poderá *“um dia, me apresentar lá em cima, como aquele trabalhador de que falou Paulo, que não se envergonhará do trabalho que realizou por aqui, na Terra”*.

Hermínio C. Miranda

DINÂMICA ESPÍRITA

Editor:

Plínio J. Marafon

Jornalista – MTb nº 9.727/72

Diagramação: Denise e Fabiano Soares da Silva

Mandem-nos artigos para publicarmos.

Opiniões sobre a revista e pedidos

para recebê-la via e-mail:

dinamica.espirita@ceamorepaz.org.br